



UNIVERSIDADE
EDUARDO
MONDLANE

Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane

IMPLICAÇÕES DO TURISMO NA DEGRADAÇÃO DOS SERVIÇOS ECOSSISTÉMICOS EM GUINJATA - DISTRITO DE JANGAMO

Ludovina Armando Siteo

Inhambane, 2022

Ludovina Armando Siteo

**Implicações do turismo na degradação dos serviços ecossistémicos em
Guinjata - distrito de Jangamo**

Monografia apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane (ESTHI), como um dos requisitos para obtenção do grau académico de Licenciatura em Animação Turística.

Supervisor: Prof. Doutor Ernesto Jorge Macaringue

Inhambane, 2022.

DECLARAÇÃO

Declaro que este trabalho de fim de curso é resultado da minha investigação pessoal, que todas as fontes estão devidamente referenciadas, e que nunca foi apresentado para obtenção de qualquer grau nesta Universidade, Escola ou em qualquer outra instituição.

Assinatura
Ludovina Armando Siteo

Ludovina Armando Siteo

Data: 02 / 09 /2022

Ludovina Armando Sítio

Implicações do turismo na degradação dos serviços ecossistémicos em

Guinjata - distrito de Jangamo

Monografia avaliada como requisito parcial para
obtenção do grau de licenciatura em Animação
Turística pela Escola Superior de Hotelaria e
Turismo de Inhambane- ESHTI.

Inhambane, aos 02 / 09 / 2022

Wanda Karina Cardoso Vaz
Grau e Nome Completo do Presidente

Prof. Doutor Ernesto Jorge Macarinye
Grau e Nome Completo do Supervisor

Prof. Doutor Daniel A. Zocarias
Grau e Nome Completo do Arguente

Wanda Cláudia
Rúbrica

Graciana
Rúbrica

[Assinatura]
Rúbrica

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Armando Joaquim Siteo e Margarida Alberto Cossa, meus pontos de luz, pelo amor incondicional e pela importância que deram à minha instrução.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho representa não só o resultado do esforço empreendido ao longo de 4 anos como também a concretização de uma meta. Apesar de se tratar de um trabalho individual, este só foi possível de ser realizado graças à colaboração de algumas pessoas, a quem pretendo agradecer:

À ESHTI, todo corpo docente e CTA, pelo acolhimento e excelente formação.

Ao meu supervisor, Prof. Doutor. Ernesto Macaringue, pela forma como sabiamente orientou a execução deste trabalho, e pela confiança que me transmitiu ao longo de toda a investigação.

Um agradecimento especial vai também ao meu mano, um irmão que a vida me presenteou, o Mestre Hélio Ubisse, pela motivação dada desde a escolha do tema até ao fim da pesquisa, sua disponibilidade e sessões de estudos que me proporcionou, para o êxito deste trabalho.

Ao adicional, agradeço ao meu amigo Isaac Arlinda, pela revisão linguística do trabalho, e pelas experiências literárias partilhadas ao longo da pesquisa.

De igual modo, agradeço à minha família, em especial aos meus pais e meus irmãos, fontes de virtudes: Leonel, Belmira, Julieta e Cidália, pelo apoio, amor e orações em toda vida, especialmente, ao longo da pesquisa. Sem me esquecer da minha cunhada, Tuca, por também desempenhar papel de irmã. Aos meus sobrinhos, fontes de resiliência, pelo alento e pelos abraços que ajuntavam meus retalhos de desespero, durante a formação: Eugénio, Wesley, Ashley, Shonisse e Tumira.

Ademais, a minha gratidão vai também a todos agentes e moradores da comunidade de Guinjata que forneceram dados para esta pesquisa, pela disponibilidade e carisma.

Aos amigos da academia, pelo companheirismo: Fáusia, Tércia, Laura, Graciete e Mariana.

E não menos importantes, sou grata também, aos meus colegas de Turma AT 2018, pela experiência vivenciada ao longo dos 04 anos. Em especial, à Victoria Uqueio, minha eterna chefe e carinhosa prima.

Lições valiosas de resiliência, todos os dias!

Epígrafe

O degrau de uma escada não serve simplesmente para que alguém permaneça em cima dele, destina-se a sustentar o pé de um Homem pelo tempo suficiente para que ele coloque o outro um pouco mais alto.

Thomas Huxley

RESUMO

A floresta é um dos recursos mais vitais para populações que vivem no campo em Moçambique. Constituem fonte de combustível lenhoso para o consumo próprio e para comercialização, de proteínas animais e vegetais, de remédios, de materiais de construção de residências. Por outro lado, a floresta, depois da revolução industrial passou a ser uma fonte directa de matérias-primas de cosméticos, farmacêuticas, na construção civil, e também, passou a ser palco de lazer e recreação. No entanto, com o processo de urbanização que tem consequências negativas para floresta, e a sua crescente busca no sustento da indústria turística, este recurso está a se tornar escasso. Assim, nesta presente monografia, o foco de análise é dado às implicações de usos comerciais da floresta (serviços ecossistémicos da floresta) no desenvolvimento do turismo na comunidade de Guinjata-Distrito de Jangamo. Para isso, foi feito o mapeamento dos ecossistemas florestais do distrito e os respectivos bens e serviços. Igualmente, avaliou-se a opinião sobre os impactos mais reconhecidos pelo usufruto dos bens e serviços ecossistémicos para o turismo. O método utilizado consistiu na aplicação da ferramenta diagnóstico rápido participativo (DRP), entrevistas semi-estruturadas, observação sistemática e na pesquisa bibliográfica. Os resultados da pesquisa indicam que as florestas desempenham um papel importante a nível socioeconómico para a população local a partir de fornecimento de bens que são utilizados para alimentação e comércio. Socialmente, é considerado um espaço onde se desenvolvem relações sociais entre os membros da comunidade (valores culturais). Relativamente aos usos comerciais da floresta com implicações no desenvolvimento do turismo na comunidade, aponta-se a urbanização desordenada e a agricultura. Esses usos, diz-se que geram a pressão sobre a floresta. Os impactos negativos, o desmatamento, que por sua vez, altera a paisagem, são agravados pela dificuldade dos órgãos do Governo, em nível local, para lidar com a administração dos recursos naturais. Portanto, com a alteração estético e ou paisagístico, pode haver a limitação dos espaços para uso turístico. Entretanto, recomenda-se o repovoamento das florestas, sensibilização e conscientização da população sobre a necessidade da sua protecção.

Palavras-chave: Serviços Ecossistémicos; Usos comerciais; Turismo.

ÍNDICE

1	INTRODUÇÃO.....	1
1.1	Formulação do problema.....	2
1.2	Justificativa.....	3
1.3	Objectivos.....	4
1.4	Hipótese.....	4
2.	METODOLOGIA.....	5
2.1.	Tipo de pesquisa.....	5
2.2.	Técnicas de recolha de dados.....	5
3.	REFERENCIAL TEÓRICO.....	8
3.1.	Turismo e Ecoturismo.....	8
3.2.	Serviços de ecossistema.....	9
3.3.	Classificação dos serviços ecossistémicos.....	11
3.3.1.	Importância dos serviços ecossistémicos para o turismo.....	12
3.4.	Florestas.....	13
3.4.1.	Ecossistemas florestais de Moçambique.....	13
3.4.2.	Serviços ecossistémicos prestados pela Floresta.....	15
4.	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	17
4.1.	Características físico-geográficas e socioeconómicas da área de estudo.....	17
4.2.	Serviços ecossistémicos florestais da comunidade de Guinjata.....	20
4.3.	Impactos ambientais causados pela exploração dos bens e Serviços ecossistémicos florestais na comunidade de Guinjata.....	22
4.4.	Implicações dos usos comerciais dos serviços ecossistémicos florestais no desenvolvimento do turismo.....	27
5.	CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	31
5.1.	Recomendações.....	31
6.	REFERÊNCIAS.....	33
	APÊNDICES.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E ACRÔNIMOS

CTA- Conselho Técnico Administrativo

DNFFB- Direcção Nacional de Florestas e Fauna Bravia

DRP- Diagnóstico Rápido Participativo

ESHTI- Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane

FAO- Food and Agriculture Organization

ha- hectares

INE- Instituto Nacional de Estatística

INPF- Instituto Nacional de Planeamento Físico

MAE- Ministério da Administração Estatal

MEA- MILLENNIUM ECOSYSTEM ASSESSMENT

MICOA- Ministério de Coordenação de Acção Ambiental

MITUR- Ministério do Turismo de Moçambique

OMT- Organização Mundial do Turismo

ONU- Organização das Nações Unidas

SDAE- Serviços Distritais das Actividades Económicas

SE- Serviços Ecosistémicos

TIES- The International Ecotourism Society

UICN- União Internacional para Conservação da Natureza

WWF- World Wildlife Fund

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1- Classificação dos serviços ecossistémicos segundo categorias	13
Erro! Indicador não definido.	
Figura 2-localização da área de estudo	17
Figura 3- Degradação do ecossistema florestal de Guinjata.....	23
Figura 4- Erosão no ecossistema florestal	27
Figura 5- Cenário da paisagem actual devido a degradação do ecossistema floresta.....	28
Figura 6- - Árvore do problema dos usos locais do ecossistema florestal em Guinjata.	29
Quadro 1-Geodiversidade da comunidade de Guinjata	19
Quadro 2- Biodiversidade da comunidade de Guinjata	20
Quadro 3- Classificação de serviços ecossistémicos florestais da comunidade de Guinjata.....	21

1 INTRODUÇÃO

Tendo em conta a importância das florestas naturais, elas são consideradas genericamente, património natural (UICN, 2013).

Correia, Barroso & Menezes (2010), indicam que a ocupação florestal, nas suas múltiplas formas, é um elemento constante da grande maioria das populações que vivem no campo. Nessas paisagens rurais é reconhecido, a par com as áreas classificadas como de conservação, um grande potencial para o desenvolvimento de tipos de turismo, tais como, o turismo rural e o ecoturismo.

Estas formas de turismo apresentam uma procura crescente, a qual, aliada ao aumento da qualidade de vida das populações, tem contribuído significativamente para o aumento da procura de actividades de recreio que utilizam como recurso base as florestas (Bell et al., 2007, Rametsteiner, Eichler & Berg, 2009).

Em consequência, o desflorestamento está rapidamente convertendo as florestas para usos insustentáveis da terra, principalmente a prática de agricultura. Este, diminui os serviços ambientais da floresta, tais como a manutenção da biodiversidade, ciclagem de água e o armazenamento de carbono (Fearnside, 2007).

Portanto, o presente trabalho destaca a questão dos usos comerciais dos serviços ecossistémicos da floresta, dando ênfase às implicações que podem sobrevir, no desenvolvimento do turismo, tendo como ponto de partida a seguinte questão: *Até que ponto o turismo na comunidade de Guinjata influencia usos comerciais da floresta que podem implicar na degradação dos serviços ecossistémicos?*

Para responder à pesquisa, foram usadas técnicas de recolha de dados que compreenderam entrevistas abertas e semi-estruturadas a líderes comunitários, operadores turísticos e sector público, na técnica de Diagnostico Rápido Participativo, contribuindo com informações úteis para o planeamento e desenvolvimento comunitário.

Estruturalmente, o trabalho apresenta cinco (VI) partes, nomeadamente: a introdução que faz referência ao enquadramento do tema, ao problema de pesquisa, as motivações da escolha do tema e local de estudo, as hipóteses, e na sua parte II, estão descritas os procedimentos metodológicos que permitiram o alcance dos objectivos propostos; seguido, na sua parte III, da

fundamentação teórica, na qual traçou-se um quadro teórico que deu sustentação ao desenvolvimento da pesquisa; A parte IV, é referente a apresentação e análise dos resultados, onde à posterior discutiu-se a informação recolhida e processada, e o confronto dos resultados alcançados com os pressupostos da revisão bibliográfica. A conclusão constituiu a parte V, seguida das recomendações e por fim, a parte VI faz alusão as referências bibliográficas. Compuseram também o trabalho, os elementos pós-textuais: os apêndices.

1.1 Formulação do problema

Conforme o perfil ambiental e mapeamento do uso actual da terra nos distritos da zona costeira de Moçambique, (MICOA, 2012), a comunidade de Guinjata apresenta um elevado potencial para o desenvolvimento do turismo, que não se resume ao sol e mar. As características físico-geográficas ao longo da costa, ecossistemas de dunas, de formações florestais diferenciadas, a disponibilidade de água na superfície e no subsolo (ocorrência de lagoas interiores), as praias descritas como de águas limpas e areais extensos, combinado com as manifestações culturais, podem proporcionar nichos particulares para a implantação de estâncias turísticas e condições favoráveis à prática de actividade de animação turística como a pesca recreativa, passeios pedestres, infra-estruturas construídas pelo material local, e gastronomia local.

Existe em Guinjata, um dos ecossistemas menos comuns e mais sensíveis em toda a costa oriental do continente africano: a floresta dunar que cobre as dunas primárias da costa, recursos naturais e cénicos. (MITUR, 2004).

Ademais, a população realiza cerimónias tradicionais, extrai lenha, materiais de construção e produtos medicinais e vários outros produtos florestais de uso doméstico.

Actualmente, devido a factores antrópicos, nota-se neste distrito, uma elevada proporção de terras degradadas devido à remoção da vegetação original (para a abertura de machambas que perfazem 36 por cento da superfície do distrito e plantação de coqueiros), queimadas descontroladas ou outros usos inadequados do solo (como desmatamento e substituição da vegetação original por zonas de cultivo de sequeiro), a exploração desregrada dos recursos florestais, a ocupação de novas áreas com diferentes fins, condições ocasionadas por um lado, pela elevada densidade populacional, o que implica uma pressão alta sobre os ecossistemas dada a sua dependência absoluta dos recursos naturais. (MICOA, 2012).

Pensa-se que, embora a comunidade agregue valor a estes serviços com a manutenção do património natural e cultural, também factores de atractividade turística, a pressão a estes

recursos colocados, é preocupante. Os recursos estão sendo consumidos muito rapidamente os recursos de que esses serviços dependem, a uma velocidade superior à de que eles necessitam para se renovar e algumas espécies, encontram-se em vias de extinção, alterando assim o panorama daquele local, a capacidade de provisão de água limpa, alimentos, energia, material de construção e outros valores culturais e conseqüente comprometimento do desenvolvimento da actividade turística e qualidade de vida da população.

Portanto, esta pesquisa visa responder em concreto a seguinte questão: *Até que ponto o turismo na comunidade de Guinjata influencia usos comerciais da floresta que podem implicar na degradação dos serviços ecossistémicos?*

1.2. Justificativa

Os serviços oferecidos pelo ambiente, sempre se mostraram como elementos capazes de contribuir para o bem-estar humano e no desenvolvimento de diversas actividades, como é o caso do turismo.

Segundo a DNFFB (1999), em Moçambique, as florestas são de uma inestimável importância, pelos bens e serviços que proporcionam a sociedade em geral e as comunidades locais em particular. Basta referir que a qualidade de vida da maioria dos moçambicanos depende, directa ou indirectamente, dos bens extraídos na floresta. Por isso, faz-se necessário realizar estudos de modo a examinar os diferentes usos de bens florestais que podem comprometer o desenvolvimento do turismo na comunidade.

Neste sentido, este trabalho tem como objectivo analisar as implicações dos usos comerciais da floresta no desenvolvimento do turismo na comunidade de Guinjata, distrito de Jangamo, com grandes potencialidades para o desenvolvimento da actividade turística.

A escolha do distrito de Jangamo para o caso de estudo, deve-se ao facto de ser um distrito com cerca de 45km de costa, com uma beleza natural e praias longas, com uma flora e fauna aquáticas oferecendo oportunidade para diversos tipos de turismo de praias e desportivo, onde a actividade turística está a observar um desenvolvimento considerável.

Constitui ainda motivação, o facto de a literatura demonstrar défice de estudos, métodos usados para análise e avaliação das implicações dos usos locais dos serviços ecossistémicos florestais no desenvolvimento do turismo e também, a inexistência de um estudo efectuado nesta perspectiva,

que se debruce exclusivamente sobre Jangamo. Assim, ao nível académico, o estudo contribuirá para a redução da escassez da literatura existente sobre este tema.

Ademais, os resultados da pesquisa ajudarão na elaboração de estratégia de uso e aproveitamento dos bens ecossistémicos de forma sustentável, garantindo desse modo, a continuidade do seu usufruto pelo turismo e conseqüente garantia de melhores condições de vida da comunidade dependente da actividade turística naquela região.

1.3. Objectivos

Geral

Analisar as implicações dos usos comerciais dos serviços ecossistémicos da floresta no desenvolvimento do turismo na comunidade de Guinjata;

Específicos

- Identificar os serviços ecossistémicos da floresta da comunidade de Guinjata;
- Descrever os impactos ambientais causados pela exploração dos bens e Serviços ecossistémicos da floresta na comunidade de Guinjata;
- Examinar as implicações dos usos locais dos serviços ecossistémicos da floresta no desenvolvimento do turismo.

1.4. Hipótese

H₁: Os usos comerciais dos serviços ecossistémicos da floresta comprometem o desenvolvimento do turismo na comunidade de Guinjata, uma vez que a prática de actividades como extrativismo animal, florestal para a comercialização de produtos nos empreendimentos turísticos, e abertura de campos agrícolas cria forte pressão que gera impactos na floresta, resultando na alteração das características naturais (paisagem), comprometendo dessa forma, o desenvolvimento do turismo na comunidade.

2. METODOLOGIA

2.1. Tipo de pesquisa

Em relação aos procedimentos técnicos, foi feito um trabalho de campo, o que possibilitou maior interação com os grupos sociais envolvidos na pesquisa, como membros da comunidade Local (MCL); e Técnicos dos Serviços Distritais de Actividades Económicas (SDAE-Jangamo) (participantes e pesquisador), na definição conjunta dos meios para responder aos problemas que vivenciam sobre os SE na comunidade, com maior eficiência e com base em uma acção transformadora. Nesta fase consistiu na operacionalização dos instrumentos de recolha de dados, a saber: guião de entrevista e guião de observação.

2.2. Técnicas de recolha de dados

Em primeiro, foi feita uma pesquisa bibliográfica que permitiu não só a familiarização com o tema abordado, como também, para clarificação dos conceitos-chave do estudo. Também fez-se a pesquisa documental, onde o foco era obter dados e informações sobre o estágio de uso e aproveitamento das formações florestais na área de estudo, actividades económicas desenvolvidas e os serviços ecossistémicos existentes.

No segundo momento de levantamento de dados, durante o trabalho de campo foi aplicado o método de Diagnostico Rápido Participativo (DRP), que permitiu obter várias informações da realidade local, referentes a floresta, sua contribuição para o desenvolvimento do turismo na comunidade de Guinjata a partir da participação activa de alguns membros da comunidade em um processo reflexivo, tendo a pesquisadora o papel de mediar as interacções entre os participantes visando a descoberta de possíveis soluções para os problemas encontrados.

O método¹ obedeceu três (III) etapas: (i) Sensibilização e realização de encontro de apresentação do projecto e metodologia do DRP aos diferentes actores sociais com potencial para imprimir mudança na comunidade, (ii) Definição e apresentação do cronograma de actividades (datas de realização de entrevistas semi-estruturadas aos informantes-chave) e (iii) Realização de reuniões

¹ O DRP teve duração de 3 semanas. Na primeira semana fez-se a harmonização dos objectivos da pesquisa bem como a elaboração conjunta do instrumento ou guião do DRP. E a fase da realização da recolha de dados utilizando o método DRP teve duração de duas semanas. Este trabalho foi feito nos meses de Maio e Junho de 2022. E as entrevistas aos técnicos da instituição seleccionada para a pesquisa foram feitas depois do DRP nas últimas duas semanas de Junho de 2022.

de trabalho (utilizando guião do DRP; caminhada transversal, narrativas e criação de árvore de problema) (Verdejo, 2010).

O método de Diagnóstico Rápido Participativo foi operacionalizado utilizando três (iii) técnicas nomeadamente:

- I. ***Caminhada transversal***, resultou no levantamento dos bens ou SE existentes e informações sobre as características geográficas da área de estudo (recursos naturais, actividades produtivas e seu perfil histórico).
- II. ***Entrevistas semi-estruturadas***, permitiu obter dados sobre os serviços ecossistémicos florestais existentes e sua relação com o desenvolvimento do turismo na comunidade.

Na técnica de entrevistas, foram elaborados guiões de entrevistas semi-estruturadas de carácter qualitativo, com objectivo de obter informações relevantes sobre os SE e desenvolvimento do turismo.

- III. ***Entrevistas informais***, permitiram obter informações com maior profundidade sobre o ecossistema florestal de Guinjata (bens ecossistémicos existentes; técnicas de obtenção dos SE; benefícios da floresta para o desenvolvimento do turismo na comunidade) a partir de conversa com dois *stakeholders*² de Guinjata. Foram igualmente exploradas as suas opiniões em relação a acções para a exploração sustentável do ecossistema florestal de Guinjata.

O Diagnóstico Rápido Participativo foi o principal método de estudo que se baseou em discussão em grupo e entrevistas informais, tendo como alvo os indivíduos que praticam o extrativismo vegetal, animal e agricultura na área de estudo e agentes de turismo. Para esse fim, seleccionou-se 20³ pessoas (amostra por julgamento) obedecendo os seguintes critérios:

- I. Pessoas cuja actividade principal é extrativismo animal ou vegetal e agricultura na comunidade de Guinjata;
- II. Pessoas que promovem o turismo na comunidade de Guinjata;

²As duas pessoas foram identificadas com apoio do líder comunitário.

³A escolha de apenas 20 membros da comunidade foi influenciada pelas restrições impostas pela pandemia da Covid 19, de modo a evitar maior concentração das pessoas.

III. Pessoas que estejam a morar na comunidade de Guinjata a mais de 10 anos.

O primeiro critério permitiu eleger as pessoas cujos rendimentos familiares provêm directamente dos produtos relacionados com a floresta. O segundo permitiu abranger pessoas que directamente promovem o desenvolvimento do turismo na comunidade de Guinjata. Por fim, o terceiro facilitou a selecção de pessoas que acompanharam as transformações ocorridas no ecossistema. A análise de dados foi com base na técnica de análise de conteúdo sintetizada por Silva e Fossá (2015, p.2), que consistiu na análise⁴ do que foi dito nas entrevistas pelos informantes-chave, *Stakeholder*, relatório do DRP e o que foi observado durante o trabalho do campo.

As informações obtidas foram classificadas em categorias (bens e serviços providenciados pelo ecossistema florestal; relação entre os serviços ecossistémicos e o turismo).

⁴A análise do conteúdo obedeceu 3 fases importantes:

1. Pré-análise (análise crítica das informações e selecção das informações relevantes)
2. Exploração do material colectado (todos dados obtidos foram organizados em função das categorias de análise previamente definidas);
3. Interpretação (leitura geral do material, agrupamentos de informações comuns nas respectivas categorias de análise, foram feitas inferências e interpretação com base no referencial teórico).

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta os conceitos chaves e bases literárias indispensáveis para a compreensão do tema em estudo: turismo e ecoturismo, ecossistema florestal, impacto económico e ambiental.

3.1. Turismo e Ecoturismo

O Turismo remonta desde os primeiros jogos Olímpicos ocorridos 776 a.c, na Grécia antiga, altura em que foram organizadas primeiras viagens para acompanhamento daquele evento, segundo Oliveira (2001). Acredita-se também que os primórdios do turismo estão ligados a viagens de busca de novas terras para exploração e comércio antes do Cristo (Ignarra,2003).

Quanto à conceituação, diversos autores convergem na associação do turismo às viagens e divergem nos fins, pois, uns estabelecem uma relação com interesses não lucrativos e outros incorporam viagens para fins de negócios, conforme ilustra a discussão deste conceito:

Segundo (Oliveira,2002:36),

Turismo é um conjunto de resultados de carácter económico, financeiro, político, social e cultural produzidos numa localidade, decorrente do relacionamento entre os visitantes e os locais visitados, durante a presença temporária de pessoas que se deslocam do seu local habitual de residência de forma espontânea e sem fins lucrativos

Por sua vez com ênfase no negócio e outros fins, a OMT, em 1994, reformulou o seu conceito anterior que limitava as viagens por período superior à 24 horas e inferior a 60 dias, motivado por razões não-económicas passando a englobar as actividades das pessoas que viajam e permanecem em lugares fora de seu ambiente usual durante não mais de que um ano consecutivo, por prazer, negócio ou outros fins (Ignarra, 2003:10).

Ao nível de Moçambique, o turismo é considerado um fenómeno sócioeconómico e cultural que se baseia na deslocação de pessoas para locais diferentes de sua residência habitual, onde permanecem por períodos superiores há 24 horas, com objectivos de lazer, utilizando as facilidades de alojamento, alimentação e outros oferecidos no destino, de acordo com Cistac (2007:6), citando a Lei do Turismo nº 4/2004, de 17 de Junho.

Por outro lado, é tido como conjunto de actividades profissionais relacionadas com o transporte, alojamento, alimentação e actividades de lazer destinadas à turistas (Idem).

Comparativamente aos dois primeiros conceitos, estrangeiros, os dois moçambicanos associam a prática turística às actividades de lazer e o consumo dos serviços turísticos oferecidos pelo destino turístico, colocando de fora as viagens com fins de negócio defendido pelo conceito da OMT.

Estas divergentes conceituações, mostram que ainda não há consenso universal sobre o conceito do Turismo.

Quando o turismo tira essencialmente benefícios da natureza é considerado Ecoturismo, que é o tipo de turismo praticado na área do estudo, onde os atractivos principais são a fauna e a flora.

Ecoturismo é definido pela The International Ecotourism Society (TIES), como sendo viagem responsável a áreas naturais, visando preservar o meio ambiente e promover o bem-estar da população local (TIES, 1995) citado por Martins (2005).

Numa outra vertente, o Ecoturismo é descrito como Turismo realizado em áreas naturais, determinado e controlado pelas comunidades locais e gerando benefícios para elas e para áreas relevantes para a conservação da biodiversidade (WWF, 2001), também citado por Martins (2005).

Nos dois conceitos estão patentes a associação da prática turística, a conservação da biodiversidade e a promoção de benefícios para as populações que vivem nesses destinos turísticos.

3.2.Serviços de ecossistema

O conceito de serviços de ecossistema tornou-se fundamental para compreender a forma como o ser humano interage com o meio natural (Thorsenet al. 2014). Este conceito tem origem na economia ecológica, ambiental ou dos recursos naturais onde o valor da natureza, e dos serviços por ela prestados, é a componente central (Azevedo 2012).

O termo Serviços ecossistêmicos foi usado pela primeira vez por Ehrlich&Ehrlich em 1981, na sequência da publicação *Extinction: The causes and consequences of the disappearance of the species* (Hermannet al. 2011), mas só em 1997 captou as atenções com as publicações de

Gretchen Daily, *Nature services: societal dependence on Nature ecosystem* (Daily, 1997), e de Robert Costanza, *The value of the world's ecosystem services natural capital* (Costanza et al. 1997).

A partir desta altura, os serviços de ecossistema tornaram-se um campo de pesquisa em crescimento surgindo numerosas publicações e iniciativas que representam marcos na investigação sobre o tema (p. ex. de Groot 1992, Pearce 1993, Pimentel et al. 1997, Wilson & Carpenter 1999, Daily et al. 2000). Em quase três décadas, cresceu exponencialmente o número de publicações dedicadas a esta temática (Fisher et al. 2009) aparecendo numerosos trabalhos que discutem o conceito no sentido de o tornar mais claro e operativo. Diversas funções dos ecossistemas foram caracterizadas como serviços, valoradas e incorporadas em mercados e mecanismos de pagamento (Gómez-Baggethun et al. 2010) e multiplicaram-se os esforços para avaliar e monitorizar um número crescente de ecossistemas e serviços (Pereira et al. 2009).

Apesar da enorme quantidade de trabalhos produzidos sobre serviços de ecossistema, o conceito continua em evolução encontrando-se na literatura diversas definições. Estas definições sugerem que embora haja uma ampla concordância sobre a ideia geral de serviços de ecossistema, não existe uma padronização do conceito sendo aplicados múltiplos e distintos termos, dependendo da origem ecológica ou económica da abordagem (Ojea et al. 2012, Häyhä & Franzese 2014).

Daily (1997) definiu serviços de ecossistema como sendo as condições e os processos a partir dos quais os ecossistemas naturais, e as espécies que os constituem, sustentam e permitem a vida humana. Para a autora, serviços de ecossistema estão relacionados com “condições e processos” e ilustram uma interacção entre a ecologia e o bem-estar humano.

Mais tarde, a iniciativa *Millennium Ecosystem Assessment* (Alcamo et al. 2003) com base nos trabalhos desenvolvidos por Costanza et al. (1997) e Daily (1997), simplifica o conceito e define serviços de ecossistema como “os benefícios que as sociedades obtêm dos ecossistemas”.

O conceito de serviços de ecossistema é, portanto, totalmente antropocêntrico e resulta de uma visão utilitária da Natureza. Este aspecto, se por um lado provoca críticas porque a Natureza não é valorizada pelo seu valor intrínseco, mas sim pelo seu valor utilitário, por outro, torna a utilização do conceito de serviços de ecossistema atractiva e desafiante, na medida em que ajuda a descrever as diferentes e complexas formas como as sociedades humanas estão ligadas e dependentes da Natureza (Haines-Young & Potschin 2013).

3.3. Classificação dos serviços ecossistêmicos

Para Rabelo (2014), as diferentes classificações tornaram-se instrumentos ilustrativos que contribuem para uma melhor visualização acerca dos serviços ofertados pelos ecossistemas, além de contribuir para evolução das pesquisas sobre os mesmos.

A iniciativa MEA propõe um esquema de classificação dos SE bastante operacional, acessível e facilmente inteligível, mas sendo um dos mais generalizados. (Figura 1). Baseia-se em quatro categorias de serviços:

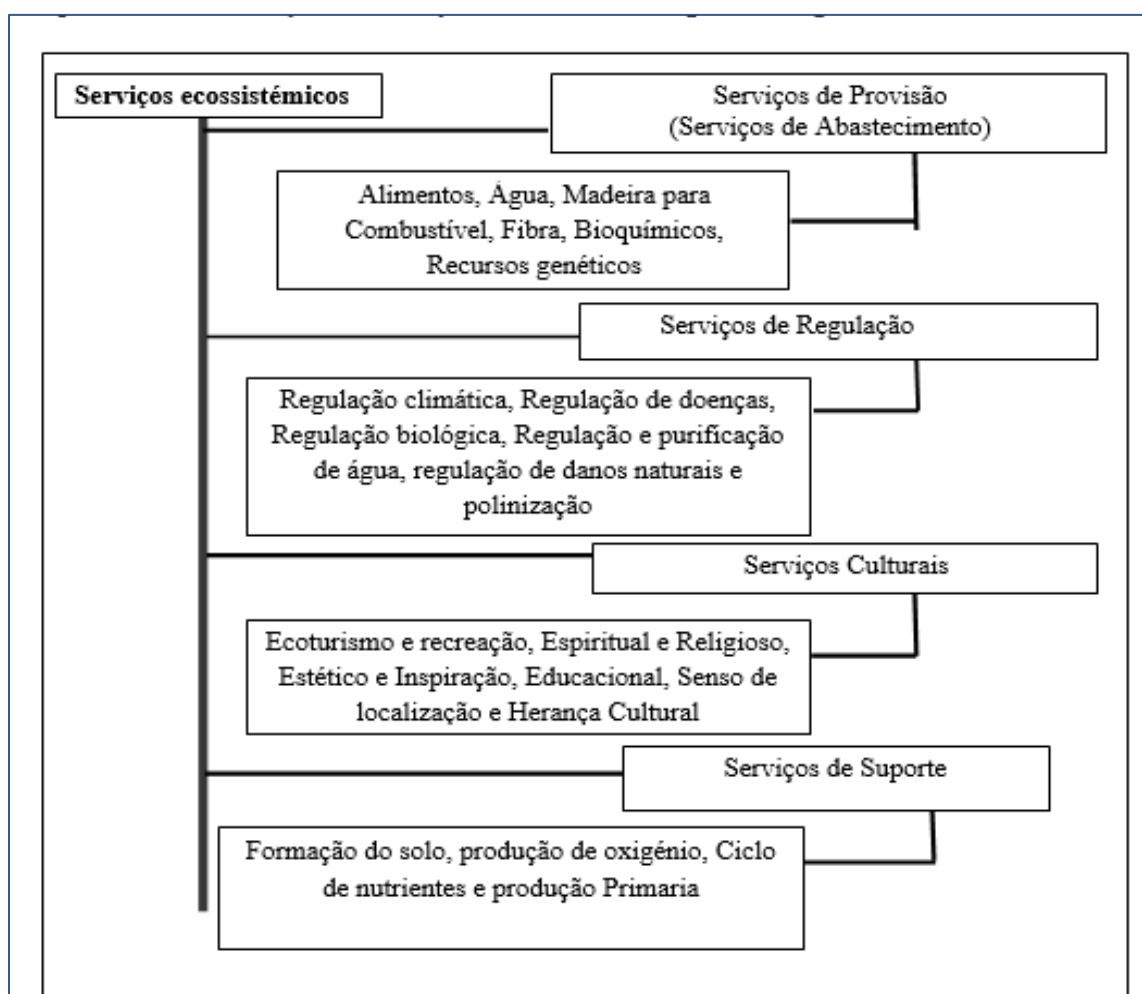


Figura 1-Classificação dos serviços ecossistêmicos segundo categorias

Fonte: Adaptado de Andrade e Romeiro (2009)

- Serviços de suporte que contribuem para a produção de outros serviços ecossistémicos, como a ciclagem de nutrientes, formação do solo e dispersão de sementes;
- Serviços de provisão, que são os produtos obtidos a partir dos ecossistemas, como alimentos, água, fibras, recursos genéticos, informação e energia;
- Serviços de regulação, benefícios obtidos pela regulação de processos ecossistémicos, como a regulação do clima, regulação hídrica e o controle de doenças, e
- Serviços culturais, como amenidades e questões culturais e religiosas (MEA, 2005).

3.3.1. Importância dos serviços ecossistémicos para o turismo

O Homem e a economia global estão intimamente ligados aos recursos florestais. Estima-se que mais de mil milhões de pessoas no mundo dependem dos serviços prestados pelos ecossistemas para a sua sobrevivência (ONU, 2014).

Entre as diferentes acções que envolvem e dinamizam a actividade turística estão as características endógenas do lugar, podendo destacar na comunidade de Guinjata, o litoral com ecossistemas marinhos de altíssima qualidade, património cultural e histórico rico, paisagens inspiradoras e biodiversidade abundante.

Essa abundante biodiversidade e riqueza florestal, caracterizado pelos serviços ecossistémicos contribuem de forma directa e indirecta para o turismo, visto que a comunidade tem-se beneficiado dos bens do ecossistema para o fim turístico.

O que há de novo é a aceleração da perda da biodiversidade e a degradação dos ecossistemas devido às actividades humanas. Quando os elementos da biodiversidade se perdem, os ecossistemas tornam-se menos resilientes e os seus serviços são ameaçados.

Uma redução dos serviços prestados pelos ecossistemas, em resultado da sua degradação ou da procura crescente de determinados serviços, tem como consequência um efeito negativo no bem-estar humano e nas demais actividades de que ela é dependente, sendo o turismo uma delas.

Um país pode aumentar a produção de alimento através da conversão de uma floresta em área agrícola, mas ao fazê-lo diminui o fornecimento de outros serviços que podem ser de importância igual ou superior, como o fornecimento de água potável, a regulação de cheias ou o controlo de secas e eventos extremos (Alcamo et al. 2003).

O Panorama da Biodiversidade Global (MMA 2010) apresenta diversos dados pertinentes e preocupantes sobre a degradação da biodiversidade e dos ecossistemas à escala global, destacando diversas razões pelas quais o desafio da sua conservação permanece inalcançado. Uma razão fundamental está relacionada com a dimensão económica da biodiversidade: muitas economias continuam alheias ao enorme valor económico da biodiversidade e do seu papel no funcionamento dos ecossistemas.

3.4. Florestas

A Lei de florestas e fauna bravia n.º10/99, de 7 de Julho, define floresta como “Cobertura vegetal capaz de fornecer madeira ou produtos vegetais, albergar a fauna e exercer um efeito directo ou indirecto sobre o solo, clima ou regime hídrico”. Esta definição é uma definição funcional (a função que exerce este recurso para a sociedade, natureza e ao ambiente (solo, água e clima).

Segundo a FAO,

Florestas são terras que ocupam mais de 0,5 hectares com árvores de altura superior a 5 metros e uma cobertura de copa de mais de 10%, ou árvores capazes de alcançar esses limites *in situ*. Esta definição inclui plantações usadas primariamente para produção de fibra ou fins de protecção; áreas com bambus e palmas, desde que os critérios de altura e cobertura de copa sejam atendidos; caminhos na floresta, aceiros e outras pequenas faixas de terreno abertas; quebra-ventos, cinturões de protecção e corredores de árvores com área de mais de 05 hectares e largura de mais de 20 metros.

Exclui plantações de árvores em sistemas de produção agrícola, por exemplo, plantações de árvores frutíferas e sistemas de agrossilvicultura.

3.4.1. Ecossistemas florestais de Moçambique

Moçambique, com uma superfície terrestre de 786 380 km² e uma população de 28,8 milhões de habitantes, com 40% do território terrestre coberto por florestas naturais é considerado um país com recursos naturais abundantes: água, terras aráveis, potencial hidroeléctrico, reservas de gás natural, carvão e outros recursos minerais do subsolo. O país possui 7 principais tipos de vegetação de acordo com White (1983) : 1) miombo; 2) mosaico costeiro, incluindo as florestas secas da costa;

3) matas de mopane; 4) florestas indiferenciadas contendo Acácia nas zonas secas e diversas outras espécies como Albiziasp, Terminaliasp, e Sclerocaryabirrea; 5) florestas de montanha entre 1500-2000m de altitude na província de Manica, Tete e Zambézia; 6) vegetação holófito de solos salinos no vale do Rio Changane e 7) vegetação de áreas pantanosas, alagadas na zona da fronteira com Malawi (Micoa,2009).

O país apresenta ainda uma biodiversidade considerável: cerca de 6000 espécies de plantas das quais 200 espécies estão na lista Vermelha da união internacional para a conservação da natureza (UICN) e 22% são endémicas, 200 mamíferos, 726 espécies de aves, 171 espécies de répteis, 85 de anfíbios e 3075 espécies de insectos (Biofund).

O ecossistema predominante em Moçambique é a floresta de Miombo, ocupando dois terços da superfície do país. Outros ecossistemas são Mopane, nas regiões semiáridas do interior e as florestas não diferenciadas na região costeira da região central (SITOE *et al.*, 2012).

Segundo Pechisso e Lorenzi (2012),

A floresta de Miombo inclui área de floresta de copa fechada, florestas abertas, savanas abertas e terras húmidas sazonais conhecidas como planícies de inundação. Trata-se de florestas sempre verde com uma ocorrência relativamente mais limitada no oeste e norte do país, ocorrem onde há forte sazonalidade de chuvas com período longo de seca.

O inventário florestal indica que a floresta de Mopane (chanato) com 3,1 milhões de hectares é o segundo tipo florestal mais extenso depois do miombo, ocorrendo nas regiões semiáridas do interior dos vales do Limpopo-Save e no vale do alto Zambeze.

A vegetação de Mopane é constituída predominantemente por estratos arbóreos e arbustivos, sendo os principais tipos de vegetação as savanas secas com árvores decíduas e as savanas secundárias de média e baixa altitude. Embora o Mopane seja tipicamente composto por manchas puras, pode também associar-se a espécies arbóreas e arbustivas (REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. Ministério para a Coordenação e Acção Ambiental, 2003).

O terceiro extrato florestal, é caracterizado por povoamentos quase puros de **Androstachys johnsonii (mecrusse)**, abrangendo cerca de 843 000 ha, isto é, cerca de 3% da área florestal total, sobretudo nas províncias de Inhambane e Gaza, nos distritos de Massangena, Chicualacuala, Mabalane, Chugubo, Guija, Mabote, Funhalouro, Panda, Mandlakaze e Chibuto

(Magalhães & Seifert, 2015). Esta espécie é também encontrada nos montes Libombos, na zona de Goba.

Estima-se que os mangais de Moçambique abrangem uma área superior a 300.000 ha sendo considerados a segunda maior área de mangal do continente Africano (Nigéria, Moçambique, Guiné-Bissau, Madagáscar e Guiné), destacando-se os mangais do delta do Zambeze (Sitoe et al., 2014). Além da sua extensão, os mangais de Moçambique são também considerados aqueles que possuem maior diversidade de espécies no continente Africano (Fatoyinbo & Simard, 2013), ocorrendo pelo menos 8 espécies no país (Mitader, 2015; Sitoe e Mcamo, 2016).

Constituem uma formação florestal de especial importância pela sua contribuição na provisão de bens e serviços únicos e específicos sendo de destacar: alimentos, material de construção, medicamentos, acumulação de nutrientes e matéria orgânica essencial para a flora e fauna terrestre e marinha, habitat para reprodução das espécies marinhas, prevenção da erosão da faixa costeira e ao longo dos rios, absorção de poluentes e reguladores da qualidade de água, redução das cheias, entre outros. 60% da população Moçambicana habita na zona costeira e junto dos mangais.

3.4.2. Serviços ecossistémicos prestados pela Floresta

A floresta é tida como um dos ecossistemas costeiros mais importantes, pois serve como fonte de subsistência para muitas comunidades locais, e contribui para o bem-estar e para diversas actividades económicas, como o turismo tanto de forma directa como indirecta. Esse ecossistema, é conhecido pela sua importância ecológica e socioeconómica como um recurso de grande valor económico, cultural, científico e recreativo, cuja perda seria irreparável (Ramsar, 1971; Schaeffer-Novelli, 1990).

A floresta oferece uma vasta gama de serviços e produtos para as comunidades costeiras, proporcionam lenha, madeira, agem como uma barreira natural, fertilizam o solo, estabilizam o sedimento fino e assim, impedem a erosão costeira. Além disso, reduzem os efeitos das tempestades e inundações, mantêm a qualidade da água e suportam uma ampla vida selvagem.

Outrossim, podem ter um valor indirecto através da protecção das propriedades costeiras e das actividades económicas, como o turismo (Costa et al., 2014; Malik et al., 2015; VO et al., 2015).

Dessa forma, a sua degradação que ocorre por meio de ações deliberadas e impensadas, resultam na desvalorização das funções e processos dos ecossistemas. E pode ter um impacto negativo na estrutura, função e fluxo dos bens e serviços que os ecossistemas fornecem à sociedade, causando impactos significativos no desenvolvimento do turismo. (Orchard et al., 2016; Rocha Júnior, 2011).

Entretanto, toda a degradação pode comprometer a capacidade da floresta de fornecer SE para as gerações presentes e futuras. Desta forma, a degradação do ecossistema florestal causa não só modificações no meio ecológico, mas também impactos sociais e econômicos (Schaeffer-Novelli et al., 2015). Portanto, é necessário ser enfatizada a importância da funcionalidade e integridade e seus serviços ecossistêmicos de forma que a preservação desse ecossistema em longo prazo, seja garantida e o desenvolvimento da actividade turística não seja comprometido.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta secção está apresentada a área que foi observada, em termos de características físico-geográficas e socioeconómicas da área de estudo os resultados constatados e sua discussão.

4.1. Características físico-geográficas e socioeconómicas da área de estudo

A Comunidade de Guinjata localiza-se no Nordeste do Distrito de Jangamo, Província de Inhambane. A comunidade faz limite a Norte com cidade de Inhambane, a Sul com a localidade do ligogo, a Oeste com a localidade de Jangamo Sede e a Este com o oceano índico. (Fig. 1).

As principais actividades desenvolvidas na comunidade são: agricultura familiar, pesca, comércio e serviços. Quanto ao número de habitantes, possui cerca de 105, 478 habitantes, destes 47, 946 são do sexo Masculino e 57, 532 são sexo Feminino (Sede de Localidade de Massavana,2020).

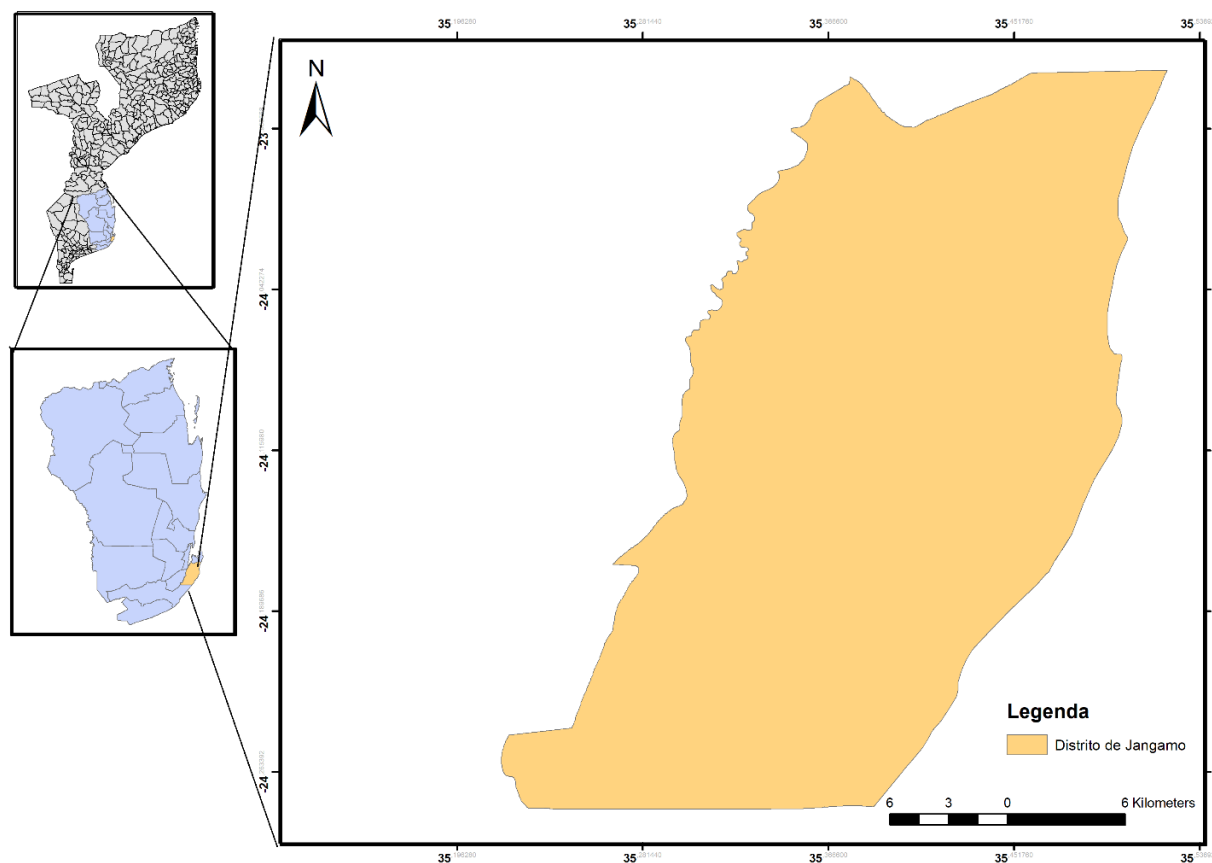


Figura 2-localização da área de estudo

Fonte:Autora (2022)

A partir da caminhada transversal e discussão no DRP, constatou-se que Guinjata situa-se na transição entre a planície de inundação com solos aluvionares férteis para a agricultura a Sudoeste, a Oeste situa-se uma área coberta por gramíneas com elevado potencial de pastagens para o gado caprino e bovino. A Nordeste, situa-se a duna com solos arenosos com boa drenagem e com elevado potencial para o cultivo de árvores de frutas e com terrenos propícios para habitação por não estarem sujeitas a invasão das águas do mar.

A disponibilidade de cursos de água incluindo águas subterrâneas cria oportunidade de diferenciação de fontes de rendimento e estratégia de sobrevivência. A variedade de solos causa uma variedade espacial e temporal quanto à aptidão agrícola e pastoril. Por exemplo, os solos arenosos existentes suportam plantas que reagem favoravelmente a menor precipitação como é caso das mandioqueiras, coqueiros e mangueiras.

Os derivados da mandioqueira e do coqueiro são considerados como elementos essenciais na dieta da população (tapioca ou farinha de mandioca e cocos). O ecossistema permite a prática de várias actividades como agricultura, pecuária e pesca. A disponibilidade de solos aluvionares favorece a produção regular de hortícolas. Na pecuária, aproveita-se vários produtos extraídos no ecossistema, como forragem.

Vale salientar que, a limitação espacial para a prática de agricultura devido as suas características físicas, faz com que essa actividade seja intensivamente praticada nas mesmas áreas no ecossistema, desencadeando conflitos do uso do ecossistema entre os membros da comunidade.

Guinjata, do ponto de vista da geodiversidade apresenta geomorfologicamente, um relevo com três configurações de terreno, nomeadamente, planície, pequenas dunas costeiras e declives acentuados. A geologia é caracterizada pela ocorrência de sedimentos que influenciam também, o tipo de solo predominante. Quanto ao tipo de solo, existe uma grande variedade, solos arenosos, acastanhados, cinzentos e aluvionares argilosos, com má drenagem devido a maior concentração de argila (Quadro 1). A formação geomorfológica desta área encontra-se associada ao Ciclo do Congo e é dominada essencialmente por areias do Terciário e Quaternário, mais especificamente a duas unidades litoestratigráficas relacionadas com os movimentos eustáticos típicos dessa era, que são: formações dunares e eluvião argilo-arenoso (Afonso & Marques, 1998).

Quadro 1-Geodiversidade da comunidade de Guinjata

Aspectos físicos	Classificação	
Geologia	Sedimentar	
Relevo	Planície; pequenas dunas; declives acentuados	
Solos	Solos arenosos; vermelhos acastanhados; cinzentos e aluvião argiloso arenoso (estremo Este)	Solos arenosos, esbranquiçados; e pouca matéria orgânica e boa drenagem (estremo Oeste)
Clima	De forma geral possui um Clima tropical húmido	

Fonte: Organizado pela autora com base nos dados de DRP; Afonso & Marques (1998)

A formação dunar caracteriza-se pela existência de dunas costeiras que se desenvolvem ao longo de toda a costa, com presença de areia, geralmente de granulometria relativamente grosseira e de cores vermelho-acastanhadas e branca, e a formação de eluvião argilo-arenoso, que se caracteriza pela falta de permeabilidade que os terrenos têm em virtude de possuírem uma grande percentagem de materiais argilosos. Estes, originam frequentes alagamentos e a formação de pequenas e numerosas lagoas, que persistem durante bastante tempo após a época de chuvas, facto visível na Cidade de Inhambane (Afonso, 1976).

Quanto à biodiversidade, a área de estudo apresenta uma vegetação natural constituída por diferentes tipos de formação vegetal em resultado das suas características físico-geográficas. A vegetação predominante é de floresta aberta e arbustiva com ocorrência de várias espécies de flora e fauna, destas umas são naturais com maior predominância e outras antropogénicas com menor expressão.

De acordo com o INPF (MOÇAMBIQUE, 1991a), a vegetação que se encontra nessa área é repartida pela vegetação cultivada e áreas de pomar, essencialmente coqueiros e cajueiros. Existem ainda, áreas de mata dispersa e cerrada ou fechada sobretudo, nas áreas mais próximas do litoral, encontram-se áreas de mangal.

Nhantumbo (2007) sustenta que a vegetação natural costeira é composta por mangal (nas espécies *Avicenniamarina*, *Brugueira gymnorhyza* e *Ceriops tagal*) e outras espécies entre as quais pode-se citar a existência de frutas silvestres, como a *massaleira*, *tindzolera* e *pimbi*.

A Humboldt Universität zu Berlin (HUMBOLDT, 2002) *apud* Azevedo (2014), afirma que

a vegetação dunar existente nesta área pode ser dividida em três grandes áreas de ocorrência do mar para o interior: (1) uma comunidade vegetal pioneira, habilitada a viver com a acção directa do mar e condições extremas de salinidade, vento e mudanças da morfologia do solo, que serve para fixar a duna; (2) a seguir, aparecem espécies arbustivas com ramificação densa, que se vão misturando com as outras espécies menos tolerantes a condições extremas e, por fim, aparecem (3) espécies arbóreas e herbáceas adaptadas a ambientes de sombra.

Quadro 2- Biodiversidade da comunidade de Guinjata

Elementos	Espécies	
Fauna	Animais domésticos (Galinhas, Patos, Suínos, Caprinos, Bovinos e Pombos)	
Flora	Vegetação nativa	Casuarinas; Eucalipto; <i>Tindzoleiras e Pimbis</i> ⁵ ; Ervas e Gramíneas, <i>Guipinga, Murapi, Nconani, Munandi, Nemenembe, Ricino, Siringa/Santa Maria</i> ⁶
	Vegetação cultivada	Coqueiros; Cajueiros; Mangueiras; Mafurreiras; Mandioqueiras; Canhueiro; Limoeiros; Laranjeiras; Papaeiras

Fonte: Organizado pela autora, 2022

4.2. Serviços ecossistémicos florestais da comunidade de Guinjata

A partir das informações obtidas durante o DRP e seguindo a Avaliação Ecosistémica do Milénio (MEA, 2003), os serviços ecossistémicos florestais da Comunidade de Guinjata foram classificados em quatro categorias a saber: provisão, regulação, suporte e cultural. (Quadro 3).

⁵Frutos silvestres com nomes locais. Não encontrada a tradução para a língua portuguesa

⁶Plantas medicinais com nomes locais. Não encontrada a tradução para a língua portuguesa

Quadro 3- Classificação de serviços ecossistêmicos florestais da comunidade de Guinjata

Ord.	Tipo de Serviço	Característica
1	Provisão	Produtos obtidos dos ecossistemas: alimentos e fibras, madeira para combustível e outros materiais que servem como fonte de energia, recursos genéticos, produtos bioquímicos, medicinais e farmacêuticos, recursos ornamentais
2	Regulação	Manutenção da qualidade do ar, controle de erosão, regulação climática, purificação de água, ciclo da água).
3	Suporte	São aqueles necessários para a produção dos outros serviços ecossistêmicos. Serviços que fornecem a infra-estrutura de vida aos ecossistemas incluem a produção primária, formação do solo e o ciclo da água e dos nutrientes.
4	Cultura	Estão associados a sítios onde os humanos interagiram uns com os outros e com a natureza ao longo de séculos, incluem o recreio e lazer, benefícios estéticos, bem-estar físico e espiritual, e na geração de conhecimento (formal e tradicional), valores religiosos, espirituais, educacionais e estéticos

Fonte: Organizado pela autora, 2022 com base no DRP.

Ainda nos serviços de suporte, a floresta serve de habitat para uma variedade de espécies de aves, crustáceos, peixes e moluscos. O coqueiro é uma das árvores com múltiplos usos na comunidade, onde se extrai a madeira para a construção de habitações, adornos, palha e cordas para fazer colchões, coco e seus derivados para a produção de óleos em cosméticos e alimentação, extracção de sura para o consumo e uso na produção de bolos, lanho⁷ que serve de material para a produção artesanal, a sua água para refrescar e como soro fisiológico (Serviços de provisão), muitas vezes vendidos aos turistas. Ainda nos serviços de provisão, a comunidade beneficia-se da floresta extraindo da seringueira e mafurreira, material de construção, combustível lenhoso e material para a produção de objectos artesanais que servem de enfeites residenciais, onde posteriormente, são comercializados na comunidade e aos turistas.

⁷Coco tenro, ainda verde e com liquido no interior.

Observa-se ainda nestas áreas a extracção de outras espécies vegetais como a *macuti*⁸ utilizadas na construção de habitações e cestaria (p.e. diversos tipos de capins) e extração de plantas de medicina tradicional como é o caso de *Guipinga*, *Murapi*, *Nconani*, *Munandi*, *Nemenembe*, *Ricino*, *Ciringa/Santa Maria* para o tratamento de diversas doenças.

Quanto aos serviços de cultura, destacou-se que na comunidade de Guinjata, existem áreas identificadas para servirem de cemitério comunitário, locais de recreio e lazer (nas florestas dunares) e na geração de conhecimento (pesquisa e visitas de estudos) e paisagem que proporciona valor estético.

Relativamente aos serviços de cultura oferecidos pelo ecossistema, MEA (2005) sustenta que nas comunidades existem vários serviços tais como: Interações físicas e intelectuais com espécies e paisagem onde as pessoas realizam passeios e apreciação da paisagem natural.

4.3. Impactos ambientais causados pela exploração dos bens e Serviços ecossistémicos florestais na comunidade de Guinjata

Antes de se apresentar os impactos causados pela exploração dos bens e serviços ecossistémicos florestais na comunidade de Guinjata, primeiro fez-se uma breve descrição da floresta de Guinjata. Nessas comunidades existem tipos de vegetação predominante: a vegetação dunar na região litoral e os matagais ou matas de miombo.

Em termos de usos, as florestas servem essencialmente para áreas de cultivo, matagal aberto para pastagem, matagal disperso ou pradaria para extracção animal e vegetal e nas florestas dunares estão construídas infra-estruturas turísticas ao longo da linha da costa.

Portanto, durante o DRP, o grupo discutiu sobre as acções humanas sobre a floresta com potencial para causar impactos no ambiente, onde constatou-se que a degradação do ecossistema florestal de Guinjata está intimamente ligada a pressão demográfica, causando uso inadequado das áreas com cobertura florestal. A ocupação das áreas para habitação, prática de actividade económica (agricultura) e extracção vegetal e queimadas, implicou na destruição das florestas e esta a ameaçar as dunas que suportam a floresta costeira.

⁸ Folhas de coqueiro tecidos e que servem para a cobertura de tectos de palhotas na provincial de Inhambane.



Figura 3- Degradação do ecossistema florestal de Guinjata

Fonte: Autora (2022)

Nestas circunstâncias, grande parte das florestas ribeirinhas suportadas pelas dunas costeiras, desapareceram e as águas do mar apoderam-se do solo exposto durante a maré alta, o que provoca erosão costeira e conseqüentemente, a instabilidade da linha costeira, fazendo por sua vez, árvores que crescem em áreas de alta salinidade, mais susceptíveis comparativamente as que crescem mais para o interior (menor salinidade).

Das causas fundamentais da degradação da floresta de Guinjata, são de destacar as seguintes: A expansão urbana caracterizada pelos assentamentos informais, práticas inadequadas de agricultura e extracção vegetal (lenha, carvão e madeira).

Os assentamentos informais são resultados de forte migração da população para a Costa do distrito de Jangamo, pela procura de emprego e prestação dos serviços aos estabelecimentos hoteleiros existentes na comunidade.

Informações colhidas durante a entrevista a um dos *Stakeholders* residente na comunidade de Guinjata, apontam que a ocupação desordenada de algumas parcelas na área do litoral foi influenciada pela ocupação de espaços para posteriormente revenderem aos investidores nacionais ou estrangeiros.

A urbanização intensa, e não pelo incremento de infra-estruturas residenciais, mas pelo crescimento populacional causado pela migração associada à procura de melhores condições de vida e incapacidade do governo local de lidar com os impactos, são tidos como factores da degradação das florestas nessa comunidade.

Resultados semelhantes são encontrados no trabalho de Ombe (2013, p.53) que analisou as causas da degradação do ecossistema da Lagoa de Ghorwane, na Cidade de Chibuto, Bacia do Limpopo.

A construção de infra-estruturas em áreas abrangidas pelo ecossistema de florestas e simultaneamente, áreas de inundação natural de maré afectam negativamente no crescimento normal da vegetação e conseqüentemente a degradação do ecossistema, afectando todos seus componentes.

Segundo Ombe (2013), a prática das actividades económicas (agricultura e pastagem) contribuem para a degradação dos ecossistemas, pois, essas actividades fazem com que áreas extensas de matas sejam usadas para pastagens e campos agrícolas sem observar o sistema de pousio devido a menor disponibilidade de terras para prática de agricultura.

Portanto, com o crescimento populacional e rápida urbanização que se verifica na comunidade, grandes extensões de florestas são devastadas para darem lugar a construção de moradias, o que faz com que a fauna e flora seja ameaçada e conseqüentemente, os serviços dos ecossistemas não conseguem satisfazer as necessidades da população local.

Depoimentos do DPR, relatam que nos anos de 2009 a 2011, operava na comunidade, a iniciativa” um líder, uma floresta e de florestas comunitárias”, acção do Gabinete do Presidente da República para estimular o estabelecimento de florestas “novas”, responder a procura dos recursos florestais (bens e serviços ecossistémicos) e baixar a pressão sobre as poucas áreas existentes de florestas nativas. Entretanto, por existir na comunidade, três líderes comunitários, havia em Guinjata, três florestas. Porém, actualmente, todas as florestas foram extintas pela população, para alargar as áreas agrícolas, motivada pelo aumento da população, onde à medida que o tempo passa, e quanto maior é o número de habitantes, vê-se a necessidade de cada família ter uma parcela, para a área da agricultura.

(...)“A vegetação aqui na comunidade esta a diminuir, mesmo aquelas florestas comunitárias já não existem, as pessoas cortaram tudo aquilo para abrir machamba”

A incapacidade de intervenção do governo local e da falta de técnicos qualificados nas áreas florestais nas comunidades, contribuíram para a insustentabilidade da iniciativa.

Ademais, as queixas por parte da população, justificando a destruição das florestas, pela procura de meios de sobrevivência, uma vez que maior parte dos residentes depende de atividades agrícolas, e os demais, estão empregados nos empreendimentos turísticos, que devido a pandemia de covid-19 e o fraco fluxo turístico, muitos empregadores viram-se obrigados a reduzir o número de trabalhadores nas suas estâncias, o que contribuiu na destruição das florestas

(...) *“outro problema aqui é que as plantas estão a morrer, você planta um novo coqueiro, já não cresce mais, porque tem bichinhos que estão a matar e os cajueiros também.”*

Esses problemas evidenciam a dificuldade que as plantas têm de ciclar nutrientes, uma vez que o solo se mostra desgastado pelo seu uso inadequado, ocasionado por um lado pela falta de rotatividade de culturas, pousio da terra, uso de fertilizantes orgânicos e por outro, pelas queimadas da vegetação na abertura das machambas, que satura o solo. Conforme explica Sequeira, (1998) in Pereira *et al.* (2009), ao afirmar que o processo de degradação dos solos e, especificamente, de perda da sua matéria orgânica é, por vezes, agravado por uma exploração desadequada relativamente à capacidade de uso dos mesmos, sendo irreversível quando acarreta a sua degradação.

Portanto, tal limitação no replantio devido a degradação do solo, acaba prejudicando a capacidade de reflorestamento da área, perda da biodiversidade e capacidade do ecossistema em prover os seus bens e serviços. Olhando sobretudo, o que (Pereira *et al.*, 2009) apresenta, ao enunciar que,

Os ecossistemas agrícolas providenciam e contam com importantes serviços dos ecossistemas, tendo sido geridos ao longo do tempo por agricultores de forma a otimizar, geralmente, a produção de alimento e combustível (serviços de provisão). Algumas práticas agrícolas têm também contribuído para a preservação de biodiversidade, a retenção de carbono e o recreio, entre outros.

A disputa pelos espaços para a construção de infra-estruturas turísticas nas dunas que fixam as florestas traz diferentes tipos de perigos para o ecossistema (destruição de habitat; exposição aos ventos fortes; sobreelevação marítima) que causa a perda da biodiversidade.

Essas constatações assemelham-se aos resultados obtidos no estudo de Siteo et al. (2004, p.9) ao destacar que no geral, na região Sul de Moçambique o estado de conservação das florestas é crítico, com cerca de 56.8% de mangal degradado e apenas 43.2% de mangais intactos.

Segundo Balidy et al.; (2005, p. 10) embora os factores naturais tenham contribuído na degradação florestal na região Sul de Moçambique, a pressão humana foi mais acentuada. Nessa região, estado de conservação do mangal por exemplo foi fortemente influenciado pelos factores antropogénicos diferentemente da área de Zongoene (Gaza), afectado pelos factores naturais (cheias ocorridas no ano de 2000).

Outros dados encontrados no estudo de Balidy et al.; (2005, p. 10) indicam que as áreas de florestas na região Sul são utilizadas para vários fins: produção agrícola, salinas, aquacultura e expansão urbana. Outro facto de degradação do ecossistema florestal associado ao homem, destacam-se às técnicas utilizadas para a recolha de certos bens marinhos como amêijoas utilizando certos utensílios cortantes (colheres, enxadas de cabo-curto) para escavação afectando as raízes aéreas das plantas.

Segundo Siteo (2015),

a destruição florestal além de diminuir os seus potenciais produtos e serviços tem um impacto nos processos ecológicos a eles inerentes. Por exemplo, a sua destruição provoca ruptura na cadeia alimentar o que pode originar uma maior pressão sobre a microflora, sobre os diferentes tipos de fauna que deles dependem e ter efeitos directos e indirectos nos ecossistemas imediatos.

A destruição das florestas na comunidade de Guinjata provoca o aumento de erosão, o desaparecimento de algumas espécies, assim como o desequilíbrio em todo ecossistema e consequentemente a redução da capacidade do ecossistema providenciar bens e serviços a comunidade conforme descrevem alguns trechos de narrativas dadas por moradores:

(...) *“Actualmente aqui na comunidade algumas espécies com qualidades medicinais são escassas e fica difícil obtê-las, enquanto antigamente em menos tempo era possível localizar a planta e extrair as raízes e folhas para preparar medicamentos. Mas agora ... apanhamos dificuldades porque muitas foram queimadas”*.



Figura 4- Erosão no ecossistema florestal

Fonte: Autora (2022)

(...) *“Agora percorrer-se longas distâncias... e chega atingir outras comunidades vizinhas para obtenção de lenha ou caça”*.

(...) *Para o caso específico de caça, aqui já nem se pratica. Tem de fazer viagem outras comunidades... enquanto antigamente isso não acontecia.*

Durante a caminhada transversal dentro da floresta da comunidade de Guinjata, verificou-se que todas as actividades de subsistência na área costeira estão directa ou indirectamente relacionadas ao ecossistema florestal. E a degradação do mesmo ocorre principalmente como resultado da acção do homem.

4.4. Implicações dos usos comerciais dos serviços ecossistémicos florestais no desenvolvimento do turismo.

A partir da técnica de árvore de problema, o grupo que participou no DRP, através de reflexões sobre possíveis eventos catastróficos que teriam influenciado a degradação do ecossistema florestal, todos concordaram que a sua degradação é resultado de acções humanas tais como: expansão da área residencial, queimadas descontroladas e prática de agro-pecuária (Fig. 5).

Na comunidade de Guinjata, as florestas naturais constituem um património natural que abriga em especial elementos bióticos, que proporcionam bens e serviços que possibilitam usos locais pela comunidade e são elementos essenciais para atracção dos turistas.



Figura 5- Cenário da paisagem actual devido a degradação do ecossistema floresta
Fonte: Autora (2022)

Conforme explicam os autores Correia, Barroso & Menezes (2010), que a ocupação florestal, nas suas múltiplas formas, é um elemento constante da grande maioria das paisagens rurais tradicionais às quais é reconhecido, a par com as áreas classificadas, um grande potencial para o desenvolvimento de sectores como o turismo rural, o ecoturismo ou o turismo da natureza.

Contudo, os usos locais da floresta, levam a degradação da mesma, levando a redução do seu valor estético ou paisagístico, o que pode em curto prazo constituir implicações irreversíveis para a continuidade do desenvolvimento do turismo na comunidade, uma vez que os aspectos como a paisagem são fortemente alteradas (geodiversidade e biodiversidade), sendo que estes, são fundamentais para o desenvolvimento do turismo rural, como é caso da comunidade de Guinjata.

Centrado no problema da pesquisa que está ligada à degradação do ecossistema florestal da comunidade de Guinjata, dados do DPR mostram que as causas deste problema estão intimamente ligadas à migração de pessoas oriundas de outras comunidades, em busca de melhores condições de vida, em Guinjata. Na comunidade, essas migrações têm causado assentamentos informais com a expansão das áreas para a habitação, reduzindo a área florestal e contribuindo para a degradação do ecossistema florestal, implicando na decorrência da erosão. (Vide a figura 6)

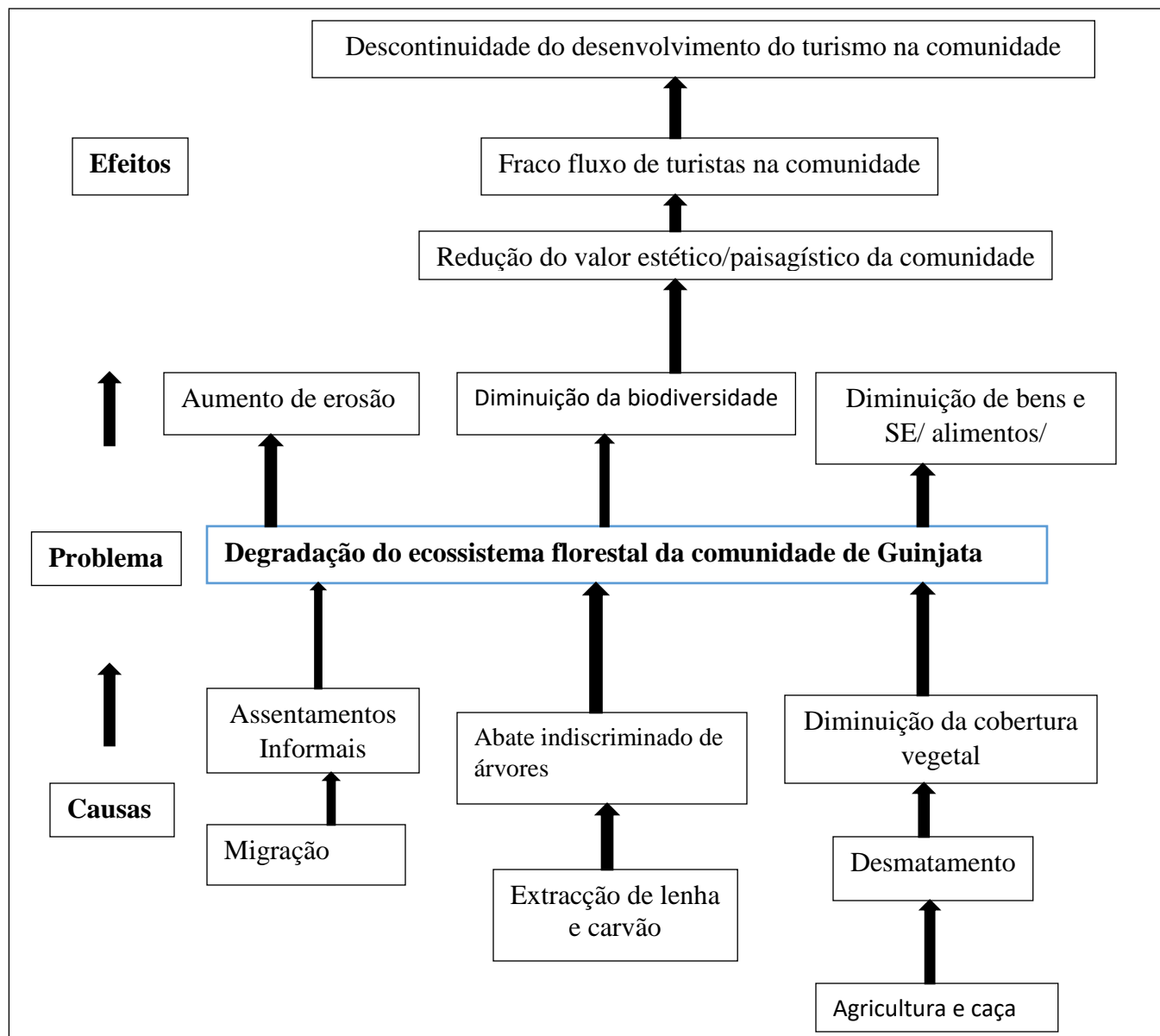


Figura 6-Árvore do problema dos usos locais do ecossistema florestal em Guinjata.

Fonte: Organizado pela autora com base nos dados de DRP

Por outro lado, a extracção de lenha e carvão, são actividades que acarretam o abate indiscriminado de árvores, reduzindo a biodiversidade, que por sua vez amortiza o valor estético/paisagístico da comunidade, factor contribuinte para o fraco fluxo turístico, conforme se percebe

na afirmação segundo a qual a paisagem contribui na escolha de um ou mais lugares entre os diversos destinos existentes no Planeta. De acordo com Urry (2001, p. 18), os lugares são escolhidos para serem contemplados porque existem expectativas, sobretudo através dos devaneios e da fantasia, em relação a prazeres intensos, seja em escala diferente ou envolvendo sentidos diferentes daqueles com que habitualmente nos deparamos.

Por conseguinte, a redução do valor estético em Guinjata, pode prejudicar a continuidade do desenvolvimento do turismo na comunidade.

Ademais, ainda em relação às causas da degradação da floresta na comunidade de Guinjata, foi mencionada a agricultura, que tem causado o desmatamento durante a abertura de espaços agrícolas e conseqüentemente, a redução da cobertura vegetal. Estas causas constituem factores contribuintes da diminuição de bens e serviços ecossistêmicos, como alimentos e outros bens providos pela floresta.

Portanto, esses dados se mostram como factores determinantes da degradação do ecossistema florestal da comunidade de Guinjata e cuja a consequência será, evidentemente, o fraco desenvolvimento da actividade turística na comunidade.

5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O estudo permitiu reconhecer a importância das florestas na comunidade de Guinjata e analisar as implicações dos usos locais dos SE florestais para o desenvolvimento do turismo.

A partir dos resultados da pesquisa, constatou-se que a floresta da comunidade desempenha um papel importante a nível ecológico, socioeconómico para a população local, a partir de provisão de bens que são utilizados para alimentação e comércio. Socialmente, é considerado um espaço onde se desenvolvem certas relações sociais entre os membros da comunidade (local de aprendizagem e lazer).

Relativamente aos usos locais com implicações na alteração do valor estético ou paisagístico da comunidade destacam-se, a urbanização desordenada, desmatamento, a exploração intensa dos recursos e a incapacidade do governo local de lidar com os impactos, como factores da degradação do ecossistema florestal.

Por conta dessa degradação, a floresta além de diminuir os seus potenciais produtos e serviços que pode fornecer a população e garantir o bem-estar, tem um impacto nos processos ecológicos a eles inerentes. Com essa destruição, verifica-se a sua limitação em fornecer certos bens e serviços a comunidade que são fortemente ligados ao turismo.

A falta de acções claras a nível local para dar resposta aos impactos ou desastres no ecossistema, é considerada uma das principais causas da vulnerabilidade do ecossistema, às acções humanas destruidoras.

Um das acções importantes na recuperação do ecossistema florestal, seria a de lhe permitir recuperar a capacidade de desempenhar a sua capacidade de reprodução das espécies de flora e fauna, prevenção da erosão e fornecimento de alimentos, entre outras funções. Portanto, é necessário fazer-se repovoamento de plantas com valor estético e paisagístico.

5.1.Recomendações

Para o governo local e a comunidade sugere-se que:

- ✓ Se desenvolva acções que visam o reflorestamento, envolvendo a população local para fins não só ecológicos mas também estéticos;

- ✓ O governo crie parcerias e incentive o sector privado para promoção estética e ecológica da comunidade de Guinjata.
- ✓ Promover a educação ambiental e difundir a pertinência da preservação do ambiente junto das comunidades, através da criação de comitês de gestão dos recursos naturais;
- ✓ Capacitar a comunidade para o autopolicimento na proteção da floresta e sobretudo, trabalhos contínuos de sensibilização;
- ✓ Melhorar a participação da comunidade na planificação, execução e monitoria dos serviços ecossistemicos do distrito através de capacitações aos conselhos Locais.

Para o sector privado, recomenda-se:

- ✓ Promover as técnicas de agricultura de conservação;
- ✓ Em coordenação com as autoridades comunitárias, promover acções de valorização e protecção de plantas nativas e incentivo de estabelecimento de florestas comunitárias;
- ✓ Reforçar a fiscalização para garantir o uso sustentável dos recursos naturais.

Para as futuras pesquisas, é importante realizar estudos sobre:

- ✓ Mapeamento do ecossistema existente de modo a obter informações sobre a sua qualidade e extensão para obter indicadores que possam facilitar a elaboração de estratégias de actuação com metas claras e fiáveis;
- ✓ Avaliação quali-quantitativa dos serviços de ecossistemas existente, pois os resultados desses estudos irão subsidiar conhecimentos técnico-científicos para elaboração de planos de sua gestão;
- ✓ Quantificação e valoração dos serviços de ecossistema da comunidade de Guinjata de modo a obter informações sobre os benefícios para o desenvolvimento do turismo.

6. REFERÊNCIAS

1. Afonso, R. S. & Marques, J. M. (1998). Recursos minerais de Moçambique. Contribuição para o seu conhecimento. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.
2. Afonso, R. S. (1976). A geologia de Moçambique. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique.
3. Alcamo J. [et al.] (2003). Ecosystems and human well-being: a framework for assessment. Millennium Ecosystem Assessment. Island Press, Washington DC.
4. Andrade, D. C. & Romeiro, A. R. (2009). *Serviços Ecológicos e sua Importância para o Sistema Económico e o Bem-estar Humano*. Instituto de Economia -Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), São Paulo.
5. Avaliação Ecológica do Milênio- MEA (2005). Vivendo além dos nossos meios: O capital Natural e o Bem-estar humano. Disponível em <<http://www.biodiversidade.rs.gov.br/arquivos/1161804167A-Avaliacao-Ecológica-do-Milênio.pdf>> Acessado no dia 26/07/2021.
6. Azevedo J.C. (2012). *Florestas, Ambiente e Sustentabilidade – Uma abordagem centrada nos serviços de ecossistemas das florestas do Distrito de Bragança*. Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, 19 pp.
7. AZEVEDO, Hélio A. M. A. A segurança em territórios turísticos: o caso do município de Inhambane em Moçambique. 2014. 267 f. Tese (Doutorado) – Programa de PósGraduação em Geografia do Instituto de Estudos Socio-ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.
8. CISTAC, Gilles e CHIZIANE, Eduardo (2007). Turismo e Desenvolvimento Local. Maputo: Kapicua Livros e Multimédia Lda.366p.
9. Chitata, J. & Sitoie, C. *Multiplicidade de Uso de Recursos Florestais no Desenvolvimento do Turismo na Praia de Tofo e Tofinho*. Editora: Monofrague, V. XIII. PP. 219 – 230.
10. Costanza, R., D'Arge, R., de Groot, R., Farber, S., Grasso, M., Hannon, B., Limburg, K., Naeem, S., O'Neill, R.V., Paruelo, J., Raskin, R. G., Sutton, P., van Den Belt, M. (1997).

- The value of the world's ecosystem services and natural capital. *Nature*, 387 (6630): 253-260.
11. Daily, C.G. (1997) *Review: Nature's Services: Societal Dependence on Natural Ecosystems*. Island Press, Washington, DC.
 12. Decreto no 12/2002 (Regulamento da Lei no 10/99 de 7 de Julho) Lei de Florestas e Fauna Bravia.
 13. Dias G. E.A. G. (2019). *Avaliação de Serviços de Provisão e de regulação nos mangais de Guiné-Bissau*. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Gestão Ambiental). Universidade de Lisboa.
 14. DNFFB (1999) Programa Nacional de Florestas .Maputo Moçambique 40 p.
 15. FAO (1994). *Mangrove forest management guidelines*. Forestry Resource Division. FAO Forest paper 117. Roma-Italy. 319 pp
 16. Fisher B., Turner R. & Morling P. (2009). Defining and classifying ecosystem services for decision making. *Ecological Economics* 68: 643-653.
 17. GOMEZ-BAGGETHUN, E.; DE GROOT, R. Natural capital and ecosystem services: the ecological foundation of human society. In: HESTER, R.E, HARRISON, R.M., (orgs). **Ecosystem Service**. Cambridge: Royal Society of Chemistry, 2010, 192 p.
 18. Governo do Distrito de Jangamo (2011). Plano Estratégico de Desenvolvimento do Distrito – PEDD (23011 – 2015). ambientais. Disponível em www.pucminas.br/conjuntura. Acessado em 20/07/2021.
 19. Haines-Young, R., & Potschin, M. (2013). Common international classification of ecosystem services (CICES): consultation on version 4.
 20. IGNARRA, Luiz R (2003). *Fundamentos do turismo*. 2.ed.São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
 21. INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA- INE (2017). *Recenseamento Geral da População e Habitação*. Arquivo de Dados do Instituto Nacional de Estatística de Moçambique, Maputo.
 22. Lei nº 10/99 de 07 de Julho (Lei de Florestas e Fauna Bravia);

23. MARTINS, F. J.F. Oliveira. Desportos da Natureza, Educação Ambiental, Turismo e Ambiente. As Ciências do Ambiente e a realização de Actividades Desportivas de ar livre em contexto escolar. A Centro de Formação das Escolas. Marinha Grande: 2005
24. MICOA. (2012): A nova abordagem de gestão de áreas de conservação e suas implicações sócioespaciais. Maputo-Moçambique. 50p.
25. Ministério da Administração Estatal (Ed.) (2005). Perfil do Distrito de Jangamo, Província de Inhambane. Edição 2005.
26. MILLENNIUM ECOSYSTEM ASSESSMENT (MEA). (2003). *Ecosystem and Human Well-Being: A framework for assessment*. Washington.
27. Ministério do Meio Ambiente (MMA) (2010). *Panorama da Biodiversidade Global 3*. Secretariado da Convenção sobre Diversidade Biológica, Secretaria de Biodiversidade e Florestas, Brasília, 94 pp.
28. Nhamumbo, E.S. (2007). Tendências de desenvolvimento do turismo e alterações na ocupação e utilização do espaço no MI. Inhambane: UEM.
29. OLIVEIRA, T. M. Veludo de Amostragem não Probabilística: Adequação de Situações para uso e Limitações de amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas. 2001.
30. OLIVEIRA, António Pereira (2002), Turismo e Desenvolvimento Local-Planejamento e Organização. 4ª ed. São Paulo: Atlas S.A. 287 p.
31. Ombe, Z.A. (2013). *Lagoa Ghorwane: Lugar, Nostalgia e Aprendizagem*. Editora: Universidade Pedagógica, Beira.
32. PECHISSO, D.; LORENZI, M. Estudo para substituição de vegetação natural por plantações florestais de grande escala e certificação florestal. Maputo: [s.n.], 2012.
33. Pereira, H. M., Domingos, T., Vicente, L., & Proença, V. (2009). *Ecossistemas e Bem-estar humano*. Avaliação para Portugal do Millennium Ecosystem Assessment. Escolar Editora, 734.
34. RABELO, M. S. A cegueira do óbvio: a importância dos serviços ecossistêmicos na mensuração do Bem-Estar. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Ceará, 2014.

35. REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. Ministério para a Coordenação e Ação Ambiental. Estratégia e plano de ação para a conservação da diversidade biológica de Moçambique. Maputo: [s.n.], 2003.
36. Siteo C. T. (2015). *Análise da Sustentabilidade do Mangal no Âmbito da Construção de Infra-estruturas na Zona Costeira: Caso Costa do Sol*. Monografia (Educação Ambiental). Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.
37. Siteo, A; S. A. N. D. Maússe e P. J. Sithoe (2004). *Florestas costeiras e mangais numa Interação Positiva com homem*. Relatório o da 3a Conferência Nacional sobre a Investigação na Zona Costeira. CDS-ZC/ MOCOA.
38. THORSEN, B.J.; MAVSAR, R.; TYRVÄINEN, L.; PROKOFIEVA, I.; STENGER A. The Provision of Forest Ecosystem Services. What Science Can Tell Us. European Forest Institute, 2014.
39. Verdejo, M. E. (2010). *Diagnóstico rural participativo: Guia prático DRP*. Brasília: MDA/Secretaria da Agricultura Familiar
40. White, F. (1983). The Vegetation of África. Natural Resources Research 20, UNESCO, Paris.

APÊNDICES



Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane

GUIÃO DE ENTREVISTA A (COMUNIDADE LOCAL E OPERADORES TURISTICOS)

O presente Guião de entrevista e parte integrante do Trabalho de Fim do Curso, cujo tema é: **Implicações dos usos locais dos serviços ecossistémicos florestais no desenvolvimento do turismo: o caso da comunidade de Guinjata, distrito de Jangamo**. Portanto, o guião visa fundamentalmente, recolher dados em torno do tema em alusão. Importa referir que, as informações por si fornecidas, terão apenas um tratamento meramente académico. A sua colaboração é de extrema importância para o sucesso da pesquisa.

Objectivo 1: Identificar os serviços ecossistémicos florestais da comunidade de Guinjata

Questões de pesquisa:

1. Que tipos de árvores existem na comunidade e para que fins são usadas?
2. Que produtos são extraídos da floresta? Para além de produtos, de que forma a floresta ajuda a comunidade?
3. Quais são as principais actividades económicas da população?
4. Que produtos agrícolas são produzidos localmente?
5. Que benefícios as mulheres locais tiram com o incremento do turismo?
6. O que os turistas procuram ver ao chegar na comunidade? Esse interesse ainda permanece?
7. Qual é a origem dos principais produtos alimentares vendidos localmente?
8. De onde vêm os materiais usados na construção de estabelecimentos turísticos?
9. Quais são as principais actividades económicas e de sobrevivência dos entrevistados?
 - a. Quais são as culturas de subsistência _____
 - b. Quais são as culturas de rendimentos _____

- c. Quais são os animais que cria Bovinos _ Caprinos _ Suínos _ Aves _ . Outros _ e Qual e o destino dos animais (indicar o destino por espécie)

Objectivo 2: Descrever os impactos ambientais causados pela exploração dos bens e serviços ecossistémicos florestais na comunidade de Guinjata.

1. Tipo de danos ambientais causados pela população residente-----
2. Tipos de acções de mitigação de danos ambientais realizados pelos operadores turísticos-----

3. Nos últimos 10 anos, quais as alterações ocorreram na comunidade em relação ao uso da floresta?
4. O tamanho da floresta: Esta aumentar _ esta a diminuir __ mantém-se na mesma_
5. Quais são as principais causas da diminuição das florestas: Agricultura __Exploração florestal pelos madeireiros __ Exploração da lenha e carvão __Outros__.
6. Quais são as actividades praticadas pela comunidade que reduzem o tamanho da floresta?
7. A nível da comunidade, existe alguma associação ou iniciativa de conservação ambiental?
8. Qual é o papel da liderança na gestão destes problemas?

Objectivo 3: Examinar as implicações dos usos locais dos serviços ecossistémicos florestais no desenvolvimento do turismo.

1. Que tipos de males as actividades da comunidade trazem para o turismo?
2. Houve alguma alteração em termos de procura turística devido a alteração das características naturais na comunidade?
3. Qual é a relação que existe entre a produção agrícola local, das comunidades, e as estâncias turísticas?
4. O que os operadores turísticos têm feito na mitigação dos impactos ambientais na comunidade?
5. Que encontros de diálogo tem havido entre a comunidade, operadores para discutirem a vida económica, social e ambiental local?
6. Olhando a degradação dos atractivos turísticos na comunidade, como acha que estará a actividade turística nos próximos 5/10 anos?

Obrigada pela cooperação!



Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane

GUIÃO DE ENTREVISTA AOS SERVIÇOS DISTRITAIS DAS ACTIVIDADES ECONÓMICAS (SDAE) -JANGAMO

O presente Guião de entrevista e parte integrante do Trabalho de Fim do Curso, cujo tema é: **Implicações dos usos locais dos serviços ecossistémicos florestais no desenvolvimento do turismo: o caso da comunidade de Guinjata, distrito de Jangamo**. Portanto, o guião visa fundamentalmente, recolher dados em torno do tema em alusão. Importa referir que, as informações por si fornecidas, terão apenas um tratamento meramente académico. A sua colaboração é de extrema importância para o sucesso da pesquisa.

Questões de pesquisa:

1. Qual é a principal actividade económica que sustenta a população de Jangamo?
2. Que tipo de turismo é praticado no distrito?
3. Dentre as actividades económicas mencionadas, quais é que têm causado impactos negativos ao ambiente e ao turismo. Porquê?
4. Quantas estâncias turísticas existem no distrito e especificamente, na comunidade de Guinjata?
5. Quais os atractivos turísticos que os turistas que visitam Jangamo apreciam?
6. Quantas estâncias turísticas oferecem actividades de animação turística voltada à natureza.
7. Há obrigatoriedade de obtenção de licença ambiental para construção de estância turística?
8. Como as comunidades locais são envolvidas no processo de obtenção e uso de terra para diferentes fins?
9. Que benefícios a comunidade colhe com actividades turísticas?

10. Quantas estâncias turísticas são de moçambicanos, estrangeiros ou de ambos?
11. Que posição o turismo ocupa na oferta de emprego no conjunto dos sectores económicos do distrito?
12. Que acções comunitárias contribuem para atractividade turística na comunidade de Guinjata?
13. Quais são os impactos ambientais negativos surgiram como consequência do uso dos produtos florestais pela comunidade?
14. Que medidas de mitigação os diversos actores têm tomado para redução dos impactos negativos?

Obrigada pela cooperação!



Fonte: Fotografias captadas pela equipa durante o DRP.